

Fraseologismos e Tabus Linguísticos nas Denominações para Diabo no Nordeste Brasileiro

Geisa Borges da COSTA¹
Marcela Moura Torres PAIM²

¹ Doutorado em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2016). Professora Doutora na Universidade Federal da Bahia - UFBA. Contato: gbdcosta@ufba.br

² Doutorado em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2007). Professora Doutora na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Contato: marcela.paim@ufrpe.br

Resumo:

O artigo aborda uma análise das unidades fraseológicas e dos tabus linguísticos presentes no repertório linguístico de falantes nordestinos para nomear o item lexical *diabo*. Os informantes foram distribuídos equitativamente por ambos os sexos, em duas faixas etárias, selecionados de acordo com os critérios da Dialectologia Contemporânea. Os dados foram recolhidos de inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) coletados em cidades de três estados do Nordeste brasileiro: Alagoas, Pernambuco e Maranhão. Pautando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional, analisou-se a primeira pergunta do Questionário Semântico-Lexical referente à área semântica Religião e Crenças, com o intuito de verificar as unidades fraseológicas e os tabus linguísticos presentes nas respostas dos informantes como: *anjo mau*, *besta fera*, *bicho preto*, *bicho ruim*, *coisa ruim*, *inimigo atentado* e *príncipe do céu*. O estudo revelou a presença de fraseologismos e tabus linguísticos que podem ser relacionados a mitos e superstições advindas das crenças religiosas dos falantes.

Palavras-chave:

Fraseologismos. Tabus linguísticos. Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 1, p. 94-108, abr. 2022

Recebido em: 03/03/2022

Aceito em: 04/05/2022

Fraseologismos e Tabus Linguísticos nas Denominações para *Diabo* no Nordeste Brasileiro

Geisa Borges da Costa; Marcela Moura Torres Paim

INTRODUÇÃO

Ao se debruçar na pesquisa da variação lexical, referente à área semântica Religião e Crenças, no banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), é primordial evidenciar as distintas formas pelas quais ela pode ser estudada, como apresenta Costa (2021). Neste artigo, que agora traz um novo olhar sobre os dados do Projeto ALiB, em homenagem à Professora Carlota Ferreira, primeiramente, faremos a exposição de uma breve revisão teórica das investigações fraseológicas na perspectiva francesa e dos tabus linguísticos constantes nos dados lexicais. Na sequência, abordaremos as considerações metodológicas, com o *corpus* de análise coletado a partir da pergunta 147 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 33). Dessa forma, temos o intuito de evidenciar a diversidade lexical no português falado apurada através dos dados presentes no repertório linguístico dos informantes de três estados do Nordeste brasileiro: Alagoas, Pernambuco e Maranhão, contemplados nesta pesquisa.

1. OS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS E OS TABUS LINGUÍSTICOS

A depender da corrente teórica adotada, a Fraseologia pode ser estudada conforme perspectivas diferentes. Há duas grandes vertentes de investigadores que se dedicam às pesquisas fraseológicas: a espanhola, que prioriza o estudo dos provérbios e sua constituição, bem como sua utilização e entendimento pelos usuários de determinada língua, e a francesa, utilizada por Salah Mejri, e que amplia o objeto de estudo da Fraseologia para muito além dos provérbios, elegendo a polilexicalidade como critério primordial para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF).

Em 1931, com Polivánov, iniciaram as primeiras conceituações da Fraseologia e, na década de 1940, ela adquiriu o *status* de disciplina linguística. A partir desse momento, pesquisadores, por meio de suas investigações, começaram a evidenciar que, por meio da Fraseologia, as particularidades de uma língua e a maneira de pensar de uma comunidade poderiam ser reveladas, uma vez que as unidades fraseológicas poderiam projetar a relação entre identidade e cultura, bem como as situações comunicativas motivadoras da sua utilização.

No âmbito da corrente teórica francesa, Mejri (2012) conceitua a Fraseologia como fenômeno linguístico, comum a todas as línguas vivas, que se concretiza através das associações sintagmáticas recorrentes. Como expõe o referido pesquisador, está em atuação, nesse fenômeno, o processo de *figement* (fixação, cristalização, congelamento) do qual resultam os fraseologismos, que apresentam graus de fixação distintos, polilexicalidade, congruência e idiomatidade, como mostram os exemplos a seguir, presentes no *corpus* do Projeto ALiB: *bicho preto*, *inimigo atentado* e *príncipe do céu*.

Segundo essa perspectiva, a Fraseologia é concebida como

[...] um fenômeno linguístico que se exprime por meio de associações sintagmáticas recorrentes; a fixação seria, então, o processo pelo qual as associações sintagmáticas se realizam. Trata-se de um processo universal próprio às línguas vivas que se inscreve no tempo, se realiza independentemente da vontade dos falantes, atua como fator sistemático no funcionamento das línguas em todos os

níveis de seus componentes (léxico, morfológico, sintático, semântico, pragmático, prosódico, etc). Põe o sintagmático a serviço do lexical fazendo de cada sintagma um candidato potencial para tornar-se uma unidade polilexical (MEJRI, 2012, p. 141, tradução nossa)³.

A contribuição que essa perspectiva trouxe para os estudos linguísticos é de fundamental importância, pois Mejri expõe a existência de uma terceira articulação da linguagem que, assim como a dupla articulação proposta por Martinet, também contribui para a economia da linguagem. Para Mejri (2018), as sequências fixas (nomenclatura por ele adotada para se referir à UF) constituem outra articulação que se estrutura com elementos da segunda e da primeira articulação, dando ao sistema

[...] uma nova dimensão que não figura nas unidades das duas outras articulações e cuja pertinência fornece ao sistema possibilidades que as unidades inferiores (fonema e morfema) são incapazes de assegurar a si próprias;

- esse tipo de unidade deve englobar todas as configurações possíveis (monolexicalidade e polilexicalidade) respondendo a critérios empiricamente verificáveis;

- as unidades da terceira articulação devem distinguir-se por funções não asseguradas pelas unidades das outras articulações; o que garante a pertinência e mais-valia metodológicas (MEJRI, 2018, p. 14, tradução nossa)⁴.

É a terceira articulação da linguagem que possibilita e assegura a renovação lexical, pois “a fraseologia intervém no nível dessa última articulação. As unidades polilexicais que ela comporta, compartilham com as demais unidades lexicais as mesmas funções: servem para denominar, prever e estruturar os enunciados.” (MARQUES; MEJRI, 2018, p. 13).

A proposta da terceira articulação apresentada por Mejri (2018), como exposto, objetiva integrar as unidades fraseológicas com *status* de unidades dessa articulação. Isso caracteriza um avanço importante para as investigações de cunho fraseológico, já que resolveria o problema teórico da noção de palavra, possibilitando a sua análise tanto em seu aspecto monolexical quanto polilexical.

O sentido dessa unidade fraseológica não se caracteriza apenas da soma do significado particular dos elementos que compõem a estrutura complexa, mas sim de um sentido da unidade global, do conjunto, de caráter idiomático, mas não somente, uma vez que a Fraseologia se encontra em relação com todos os níveis da linguagem (desde o fonético-fonológico até o discursivo-pragmático), com o objetivo de investigar as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomaticidade, que tenham a característica da polilexicalidade, ou seja, formadas por mais de um item, e que constituam da competência discursiva dos falantes. Por essa razão, esse fenômeno é caracterizado por processos de solidariedade sintagmática, construindo um bloco cuja sintaxe interna está em desacordo com a da frase livre correspondente.

No que diz respeito às características dos fraseologismos, Mejri (2012), por exemplo, apresenta a noção de *continuum*, para propriedades específicas, como a fixidez e a congruência. Segundo o pesquisador, a fixação é um parâmetro para explicar o fenômeno fraseológico e realizar a descrição do mecanismo de cristalização através do qual as solidariedades sintagmáticas se apropriam das regras da combinatória sintagmática, no nível sintático e no semântico.

³ Do original: “[...] au phénomène linguistique que s’exprime à travers des associations syntagmatiques récurrents; le figement serait alors le processus par lequel les associations syntagmatiques se réalisent. Il s’agit d’un processus universel propre aux langues vivantes qui s’inscrit dans le temps, se réalise en dehors de la volonté des locuteurs, agit comme facteur systémique sur le fonctionnement des langues à tous les niveaux de leurs composantes (lexique, morphologie, syntaxe, sémantique, pragmatique, prosodie, etc.). Il met le syntagme au service du lexical faisant de chaque syntagme un candidat potentiel pour devenir une unité polylexicale.”

⁴ Do original: “[...] une nouvelle dimension qui ne figure pas dans les unités des deux autres articulations et dont la pertinence fournit au système des possibilités que les unités inférieures (phonème et morphème) sont incapables d’assurer à elles seules; - ce type d’unité doit englober toutes les configurations possibles (monolexicalité et polylexicalité) tout en répondant à des critères empiriquement vérifiables; - les unités de la troisième articulation doivent se distinguer par des fonctions non assurées par les unités des autres articulations; ce qui en garantit la pertinence et la plus-value méthodologiques.”

Nessa perspectiva teórica, Mejri (1997) fez a ampliação do objeto de estudo da Fraseologia para muito além dos provérbios, evidenciando a polilexicalidade como critério primordial, para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF). Nesse sentido, ele investiu vários anos de pesquisa para a investigação do processo de fixação dessas unidades, explicando que

O processo de fixação é, em efeito, importante: ele se manifesta em todos os níveis do sistema linguístico (fonética, sintaxe, morfologia, prosódia, semântica, etc.). Uma sequência [...], comumente empregada em conversas diárias, ilustra perfeitamente o entrelaçamento de todos os níveis que acabamos de mencionar (MEJRI, 1997, p. 23, tradução nossa)⁵.

As diferentes unidades fraseológicas utilizadas pelos usuários da língua nos mais distintos contextos comunicativos ajudam o desenvolvimento e o funcionamento da linguagem. Na oralidade, o falante dispõe de recursos discursivos variados com o intuito de que a comunicação aconteça da forma mais efetiva possível. Assim, a depender das mais diferentes intencionalidades, o falante vai em busca das estruturas pré-fabricadas, conjunto de palavras, novos vocábulos e sentidos, que se estruturam como unidades fraseológicas, utilizáveis nas mais variadas situações comunicativas.

Tais unidades são denominadas de sequências lexicais, que podem ser mais ou menos fixas, compostas por dois ou mais vocábulos, ou até mesmo de frases inteiras, cujo significado, em geral, é compreendido pelo conjunto dos elementos que compõem determinada estrutura fraseológica. Por isso, Mejri (1997, p. 23) chama atenção para o fato de que o significado do conjunto de uma unidade fraseológica nem sempre poder corresponder à adição do significado das partes que a constituem.

Como explica Mejri (1997, p. 24), existem cinco características fundamentais para considerar uma combinação de palavras como uma unidade fraseológica: ser constituída por mais de uma palavra; estar institucionalizada, ou seja, convencionada devido ao uso frequente; possuir estabilidade, já que seus componentes podem se manter numa certa ordem específica; ter algumas particularidades semânticas ou sintáticas; ser passível de mudanças nos elementos que as integram.

Conforme o referido autor, a sequência fixa é considerada cristalizada se ela possui uma fixação total ou parcial de regras da combinação sintagmática e da comutatividade paradigmática. Isso acontece pelo fato de a fixação ser o processo pelo qual as formações sintagmáticas terem, no seu conjunto, sintaxe interna correlacionada com o significado global, isto é, não é possível estudar uma unidade fraseológica por meio de seus elementos de forma isolada, mas todos unidos, como se compusessem uma única estrutura. Esta característica, seguida da polilexicalidade, é que fornece direcionamento para que expressões sejam investigadas e concebidas como fraseologismos.

Na sequência, será apresentado um exemplário de fraseologismos, relativos às denominações para *diabo*, em três estados do Nordeste brasileiro. Assim, serão expostas as unidades fraseológicas coletadas do repertório linguístico de falantes, com base no que documentam os dados do Projeto ALiB, na sua essência, um projeto linguístico porque objetiva realizar a documentação, a descrição e a interpretação da realidade do português brasileiro falado.

2. TABUS LINGUÍSTICOS NO LÉXICO DA RELIGIÃO E DAS CRENÇAS

A forma como o indivíduo se relaciona com o mundo, com a cultura e com a religião passa por diversos processos de transformação ao longo da história das civilizações humanas. A diversidade de valores e tradições culturais e religiosas remonta a épocas milenares, em que diferentes povos vão reconstituindo crenças, superstições, ritos e saberes de seus ancestrais de acordo com a filiação cultural de cada povo.

⁵ Do original: “Le figement est en effect important à plus d’une titre: il engage toutes les dimensions du système linguistique (phonétique, syntaxe, morphologie, prosodie, sémantique, etc.). Une séquence [...], couramment employée dans la conversation de tous les jours, illustre parfaitement l’imbrication de tous les niveaux que nous venons de mentionner.”

O universo simbólico das religiões apresenta-se como um tema bastante relevante do ponto de vista linguístico, pois, através do pensamento religioso, o sujeito constroi sua interação com o mundo e desenvolve diferentes modos de pensar, de sentir, de agir e de se relacionar com as palavras.

Conforme se lê em Costa (2021), os nomes religiosos são, sem dúvida, uma grande fonte de tabus, pois, nas mais variadas culturas, existe a crença de que a simples pronúncia de determinadas palavras pode atrair toda sorte de males. Algumas passagens da Bíblia Sagrada são categóricas, quando dizem: “Não tomarás o nome do teu Deus em vão, porque não ficará impune aquele que tomar o seu nome por uma coisa vã” (BÍBLIA, 1969a, Deut 5, 11).

Muitos religiosos tomam esse trecho como uma ordem expressa para que não se pronuncie o nome de Deus, e assim o fazem, considerando a consequência advinda no final do versículo. Desse modo, a religião cristã criou uma cultura de que não se deve proferir um nome tido como sagrado, poderoso e temido.

A autora argumenta que os tabus linguísticos são termos que se revestem de diversas cargas simbólicas, as quais levam a uma interdição ou proibição da palavra, a ponto de as pessoas acreditarem que seu uso pode trazer malefício ou castigo. Muitas expressões-tabu também são estigmatizadas pela sociedade, o que pode se refletir na avaliação social do falante que a utiliza.

Esses itens lexicais, frequentemente, são evitados pelos falantes, que não costumam utilizá-los em seu vocabulário ativo. Nesse sentido, determinados elementos linguísticos sofrem censura social e podem ser substituídos por outras palavras consideradas menos agressivas ou ofensivas. Desse modo, a substituição do *nome maldito* gera uma diversidade de termos eufêmicos, metafóricos, metonímicos, além de possibilitar a criação de palavras novas.

Monteiro (1986), em um artigo intitulado *As palavras proibidas*, afirma que a proibição ou o temor de usar uma dada expressão parte sempre da crença de que a linguagem oculta um poder capaz de subjugar os indivíduos. Desse modo, os falantes utilizam alguns artifícios para substituir a lexia tabu, dentre eles:

- **“Adulteração” fonética do vocábulo:** os chamados palavrões são, normalmente, alterados por algumas pessoas que, temerosas da avaliação negativa que a sociedade pode fazer ou por elas mesmas não se sentirem à vontade para falar determinadas palavras consideradas desprezíveis, feias, desonrosas, forjam uma alteração fonética na palavra.
- **Emprego de sinônimos:** não são os significados ou os referentes dos vocábulos que justificam a crença nos efeitos maléficos dos tabus linguísticos, pois se isso fosse verdade, os sinônimos produziriam as mesmas consequências ou reações. Entretanto, o que se observa é que as palavras sinônimas dos tabus não produzem muitas reações ou avaliações negativas, cumprindo o efeito de amenizar ou mesmo dissipar o efeito negativo da palavra tabu. Para Monteiro (1986), talvez esse seja o motivo da existência de tantos sinônimos para a palavra diabo. Tendo essa palavra um efeito altamente negativo na sociedade, que julga e condena quem a profere, já que é vista como pecaminosa, anticristã, profana, as pessoas tendem a substituí-la por outros termos para fugir ao uso da lexia tabu.
- **Substituição por gestos:** os gestos são, muitas vezes, utilizados para substituir a palavra que sofre interdição linguística por ser considerada imprópria para ser dita em certos ambientes, que podem causar nojo ou aversão. Nesses casos, os falantes podem utilizar os recursos visuais como os gestos para escapar da pronúncia do termo tabuizado.
- **Uso de signos dêiticos:** uma forma muito comum de evitar o uso de algum termo considerado desagradável ou agressivo é lançar mão dos dêiticos como o uso de pronomes (*ele, isso, aquilo*) para fazer referência ao vocábulo ou expressão que não se quer nomear. No Nordeste, por exemplo, é muito comum o uso de dêiticos para indicar determinadas doenças altamente estigmatizadas como a epilepsia, lepra, câncer. Desse modo, o falante diz: “aquela doença, aquilo que coça ou que

faz cair”, etc. Casos curiosos são as referências dêiticas quando se quer evitar o nome de algum desafeto, em que se usa “o dito cujo” ou quando a pessoa está narrando um fato relacionado a algum perigo como uma doença grave e diz “lá nele”, como se o simples fato de ilustrar a situação utilizando o próprio corpo pudesse trazer a doença para si.

- **Mudança no tom de voz:** muitas vezes, o temor ou o respeito a determinados nomes faz com que as pessoas mudem o tom de voz, pronunciando a palavra de forma sussurrada. Isso acontece com nomes de pessoas que já morreram, nomes de doenças, xingamentos, enfim, com alguns termos a quem se atribui alguma espécie de poder ou magia ou até mesmo por medo de que alguém escute o nome proferido e faça uma avaliação ou julgamento negativo de quem o pronunciou.
- **Substituição por eufemismos:** o eufemismo é uma das principais estratégias utilizadas pelos indivíduos para amenizar a carga pejorativa, a ideia negativa ou a desaprovação social com relação a alguns vocábulos tidos como inconvenientes ou imorais. A superstição ou o medo que algumas palavras produzem nos indivíduos também podem levar a substituições eufêmicas, o que atenuaria o impacto produzido pela lexia temida. Sendo assim, os tabus linguísticos são fortes condicionadores do uso de eufemismos, já que, para evitar o uso da palavra-tabu, muitos falantes apropriam-se de eufemismos, como *dar à luz* ao invés de *parir*, *anjo do mal* para *diabo*, etc.
- **Substituição por disfemismos:** uma das provas mais convincentes de que a interdição vocabular de algumas palavras não tem relação direta com seu significado é o fato de que, muitas vezes, essas palavras são substituídas por outras cujo teor é ainda mais agressivo, como o uso do termo *chifrudo* ou *malvado* no lugar da palavra *diabo*.
- **Circunlóquios:** a restrição social referente à utilização de algumas palavras pode levar ao uso de circunlóquios, substituindo-se as expressões-tabus por termos mais corteses, que funcionam como regras de etiquetas ou código de boas maneiras.

A riqueza cultural desenvolvida no território brasileiro, a partir da diversidade de povos e crenças advindos dos mais variados espaços e culturas foi um fator motivador para a criação de uma visão multifacetada sobre as entidades míticas e religiosas e também para a profusão de itens lexicais empregados pelos falantes para nomear o elemento linguístico-cultural *diabo* tanto na cultura popular quanto na cultura religiosa e erudita.

Os símbolos culturais contribuíram, por um lado, para representar a imagem do *diabo* no imaginário e na tradição popular e, por outro lado, para fomentar a diversidade de formas linguísticas utilizadas pelos falantes para fazer referência à figura mágico-religiosa do *ser que está no inferno*.

A cultura religiosa da sociedade brasileira encarrega-se de perpetuar as crenças e enriquecer o imaginário dos indivíduos com imagens e formas assumidas pelo *diabo* ao longo da história. As expressões linguísticas utilizadas para nomear *este ser* também são reflexos da orientação religiosa e das relações socioculturais, a partir de elementos mágicos da própria religiosidade popular.

O estudo do tabu passou a oferecer meio privilegiado para a compreensão de diferentes culturas, linguagens e visões de mundo dos mais diversos grupos sociais, podendo revelar a estreita relação que existe entre língua e cultura, uma vez que os tabus presentes na linguagem humana se constituem em práticas não apenas linguísticas, mas também em práticas culturais, na medida em que, conforme explica Pretti (1984, p. 286), “em nome de uma ética vigente, proíbem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de bons ou maus termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos e tabus linguísticos aparecem em decorrência de tabus sociais.”

Os tabus linguísticos fazem parte de todas as culturas humanas e podem ser causados pelos julgamentos sociais e linguísticos. É frequente as pessoas utilizarem um juízo de valor quando escutam determinadas palavras consideradas feias, agressivas, amaldiçoadas, profanas, o que acarreta também em uma avaliação negativa sobre

os falantes. Desse modo, fica evidente a atuação de fatores extralinguísticos e de componentes culturais no comportamento linguístico dos indivíduos.

Sendo assim, o léxico da religião e das crenças constitui-se em uma área profícua para a manifestação dos tabus no campo da linguagem, já que a realização lexical dos indivíduos é fortemente influenciada por suas experiências sociais, culturais e religiosas e, através do componente lexical, é possível conhecer os valores socioculturais de determinadas comunidades.

3. DIRETRIZES METODOLÓGICAS DO PROJETO ALiB

O Projeto ALiB⁶, empreendimento nacional com a participação de diferentes universidades distribuídas nas cinco regiões brasileiras, é revestido por um caráter caracterizado por duas evidentes implicações: por um lado, inspira e fundamenta a sua concepção na pluralidade do conhecimento; por outro, possibilita que, dos resultados que venha a proporcionar, beneficie-se amplo espectro das ciências na contemporaneidade.

No que diz respeito à primeira implicação, a concepção do Projeto conduziu a que se recorresse a distintas áreas do conhecimento. Isso é possível verificar, por exemplo, com a definição da rede de pontos para realização da coleta de dados que requereu conhecimentos específicos de ordem histórica, antropológica, demográfica, geográfica, cultural, econômica, social, política e religiosa de cada localidade. Dessa forma, tendo em vista esses critérios, a seleção das localidades revela não apenas o interesse linguístico, mas também o perfil sócio-histórico das zonas mapeadas e se, por um lado, é um indicador de importância para a visão de língua, por outro, pode revelar um importante feixe de correlações de ordem social, histórica e cultural.

Em relação à seleção de informantes, fez-se necessário um estudo da formação demográfica brasileira, da constituição da sociedade, dos aspectos sociológicos e antropológicos que caracterizam a composição da população brasileira, a que se soma um conhecimento da realidade social na qual se inserem os entrevistados. Isso levou a que se procurasse harmonizar variáveis sociais de naturezas distintas – como faixa etária, sexo, nível de escolaridade – para se obter uma amostra linguística que pudesse ser representativa, do ponto de vista dialetológico, da realidade brasileira.

A estratificação do perfil de informante que contribuiu com os dados de fala para a formação do *corpus* do Projeto ALiB tomou como parâmetro a decisão metodológica de se contemplarem dimensões sociais – diassexual, diageracional e diastrática –, ao lado da diatópica. Dessa forma, os informantes, em número de quatro em cada ponto – exceto nas capitais de estado, onde foram inquiridos oito informantes –, encontram-se distribuídos equitativamente pelos dois sexos, em cada localidade, perfazendo um total de quinhentos e cinquenta homens e quinhentas e cinquenta mulheres, possibilitando a análise da variação diassexual.

Do ponto de vista da variação diageracional, os informantes pertencem a duas faixas etárias: faixa 1, de 18 a 30 anos, e faixa 2, de 50 a 65 anos. No que se refere à variação diastrática, incluem-se, nas capitais de estado, informantes de dois níveis de escolaridade: quatro com curso fundamental incompleto – como nas demais localidades do interior – e quatro com nível de escolarização universitário.

Os informantes, que totalizam 1.100 em todo território nacional, são naturais da localidade e filhos de pessoas naturais da mesma área linguística, que não tenham se afastado da localidade por períodos muito longos e contínuos e esses períodos de afastamento, caso existam, não devem coincidir com os primeiros anos de vida do indivíduo (fase de aquisição da linguagem), nem com os anos imediatamente anteriores àquele em que se realizou a entrevista, conforme as regras em pesquisas de natureza geolinguística.

Concluída a etapa da coleta de dados da rede de pontos programada, algumas considerações iniciais já podem ser feitas sobre áreas dialetais brasileiras. O produto imediatamente esperado do Projeto ALiB é,

⁶ Após o falecimento da querida Suzana Alice Marcelino Cardoso, Diretora-Presidente do Projeto ALiB, o Comitê Nacional ficou, assim, constituído: Diretora-Presidente, Jacyra Andrade Mota; Diretora Executiva, Silvana Soares Costa Ribeiro; e Diretores Científicos, Abdelhak Razky, Aparecida Negri Isquerdo, Conceição Maria de Araujo Ramos, Fabiane Cristina Altino, Felício Wessling Margotti, Marcela Moura Torres Paim, Maria do Socorro Silva de Aragão, Marilúcia Barros de Oliveira, Regiane Coelho Pereira Reis, Valter Pereira Romano e Vanderci de Andrade Aguilera.

evidentemente, a elaboração do próprio atlas, cujos volumes iniciais, *Introdução* (CARDOSO, 2014a) e *Cartas Linguísticas I* (CARDOSO, 2014b), foram publicados há oito anos. Além da publicação dos volumes do atlas, o banco de dados do Projeto ALiB, com sua metodologia pluridimensional, possibilita a realização de investigações, também de âmbito qualitativo, buscando, no *corpus*, a documentação e a análise de unidades fraseológicas, com base em dados orais de natureza geolinguística.

4. O QUE OS DADOS LEXICAIS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL REVELAM SOBRE OS TABUS LINGUÍSTICOS?

A primeira pergunta do campo semântico Religião e Crenças do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 33) busca apreender as denominações dadas pelos falantes para a lexia *diabo*, por meio da pergunta: “Deus está no céu e no inferno está...?”.

A análise dos tabus linguísticos apreendidos por meio dessa questão dar-se-á a partir das respostas dos informantes das cidades localizadas nos estados de Pernambuco, Alagoas e Maranhão.

No que tange a Pernambuco, os inquéritos linguísticos foram realizados em 12 cidades, quais sejam: Exu, Salgueiro, Limoeiro, Olinda, Afrânio, Cabrobó, Arcoverde, Caruaru, Recife, Floresta, Garanhuns e Petrolina, e os dados revelam uma gama de variantes para nomear o referente *diabo*: *cão* (28 ocorrências), *satanás* (26 ocorrências), *diabo* (19 ocorrências), *demônio* (9 ocorrências), *capeta* (4 ocorrências), *inimigo* (4 ocorrências), *bicho ruim* (2 ocorrências), *lúcifer* (2 ocorrências), *anjo mau*, *besta-fera*, *cramunhão*, *encardido*, *o cão* (ocorrências únicas)⁷.

No que se refere a Alagoas, devido à pequena extensão territorial do estado, apenas quatro cidades (União dos Palmares, Santana do Ipanema, Arapiraca e Maceió) foram constituídas como ponto linguístico do projeto ALiB. As respostas obtidas para a questão 147 em Alagoas foram: *satanás* (14 ocorrências), *cão* (11 ocorrências), *diabo* (10 ocorrências), *capeta* (4 ocorrências), *lúcifer* (4 ocorrências), *demônio* (3 ocorrências), *inimigo* (2 ocorrências), *chifrudo*, *coisa ruim*, *inimigo atentador*, *enxofre*, *sujo*, *troço* (ocorrências únicas).

No que diz respeito ao Maranhão, os inquéritos linguísticos foram feitos em nove cidades (Turiaçu, São Luís, Brejo, Bacabal, Imperatriz, Tuntum, São José dos Patos, Balsas e Alto Parnaíba) e os dados revelaram as seguintes variantes para nomear o referente *diabo*: *diabo* (20 ocorrências), *cão* (10 ocorrências), *demônio* (8 ocorrências), *satanás* (6 ocorrências), *capeta* (4 ocorrências), *sujo* (2 ocorrências), *anjo mau*, *bicho ruim*, *o chifrudo*, *coisa*, *o cão*, *príncipe do céu* (ocorrências únicas).

Os dados linguísticos referentes às localidades estudadas revelaram alguns recursos linguísticos utilizados pelos informantes para evitar o uso da lexia-tabu, como:

- variação fonética: *cramunhão* (expressão que substitui o vocábulo *cramulhano*);
- eufemismos: *inimigo*, *lúcifer*;
- disfemismos: *cão*, *chifrudo*;
- metalexismos qualificativos: *bicho ruim*, *coisa ruim*, *encardido*;
- dêixis: *o cão*, *o chifrudo*;
- metonímia: *chifrudo*, *encardido*, *sujo*;
- mudança no tom de voz: muitos informantes abaixaram o tom da voz para pronunciar a palavra *diabo*.

As escolhas lexicais dos falantes do interior de Pernambuco, Alagoas e Maranhão mostram que a variação na língua falada possui uma relação intrínseca com os fatores de ordem sociocultural. Afinal, o léxico de uma língua pode mostrar não apenas os elementos eminentemente linguísticos, mas também o modo de vida das pessoas, as redes sociais que as envolvem, o sistema de valores que rege determinados grupos e sociedades humanas e que, muitas vezes, orientam a realização linguística dos indivíduos.

⁷ Nas variantes precedidas pelo artigo, considerou-se que o falante reforça a ideia de poder que paira sobre certas entidades religiosas ou ligadas ao sobrenatural. O termo religioso em destaque no trabalho (*diabo*) dá origem a diversas figuras de linguagem, inclusive à personificação.

O campo semântico da religião e das crenças tem revelado importantes aspectos míticos e folclóricos da cultura popular brasileira, a exemplo do sentimento de angústia, medo e rejeição que alguns nomes, considerados malditos, desencadeiam nos falantes.

Em sua tese, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Costa (2016) analisou as unidades lexicais fornecidas pelos informantes das 25 capitais do Brasil para o referente *diabo*, observando que as implicações socioculturais produzidas pelo léxico são facilmente constatadas no campo das religiões e das crenças, já que, no meio religioso, costuma-se atribuir juízos de valor bastante rigorosos sobre as palavras.

Desse modo, determinam-se aquelas palavras que podem ser pronunciadas e as que não devem ser proferidas, sob o risco de trazerem castigo e maldição para os homens. A perspectiva moral e religiosa dá origem a uma espécie de interdição que se faz sobre alguns itens lexicais. Assim, evita-se pronunciar alguns termos considerados grosseiros, vulgares ou malditos, o que se configura em um tabu linguístico.

Os dados lexicais referentes às respostas para a questão 147 do QSL, “Deus está no céu, no inferno está...?”, revelam indícios de tabus linguísticos manifestados pelos informantes das cidades de Pernambuco, Alagoas e Maranhão que serviram como pontos de inquéritos do ALiB, conforme se pode observar em alguns trechos das entrevistas realizadas pelos pesquisadores.

(1) INQ.: Deus está no céu e no inferno está?

INF.: O *diabo*.

INQ.: Quais são os nomes que existem aqui em Olinda para isso, que a senhora conhece, né?

INQ.: *Satanás, diabo, anjo mau, bicho preto* (risos).

INQ.: Engraçado. Será que alguém já viu a cor?

INF.: Né isso? (risos). Aqui diz ‘cuidado com o *bicho preto*’, que já se sabe que é o *diabo*, né? (risos).

(Olinda-PE, mulher, faixa 2, nível fundamental).

No exemplo 1, observa-se que, além das duas lexias consideradas como fonte de tabu, *satanás* e *diabo*, a informante revela duas outras variantes eufemísticas para responder à questão 149: *anjo mau* e *bicho preto*.

Cunha (2010) traz a etimologia da palavra *anjo* como derivada do latim eclesiástico *angelus*, isto é, mensageiro entre Deus e os homens, ser espiritual, que, por sua vez, é proveniente do grego *angelos*, ou mensageiro (de Deus), que traduz o hebraico *malak*. A utilização da forma *anjo mau* para fazer referência a *diabo* leva em consideração as crenças cristãs de que o *diabo* teria sido um anjo criado por Deus, que, querendo ser semelhante ao seu criador, rebelou-se contra ele, tornando-se seu principal inimigo e incitando os homens a praticarem maldades. O livro bíblico de Ezequiel traz algumas referências utilizadas pelos cristãos para associaram o *diabo* a um anjo rebelde, conforme se pode ler:

Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônia, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados.

Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas.

Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas (BÍBLIA, 1969b, Eze 28, 13-16).

O termo *anjo mau* representa uma forma eufêmica para substituir a lexia *diabo*, expressando uma conotação religiosa imposta pelo falante ao referente.

Quanto à variante *bicho preto*, utilizada pela informante para denominar o item lexical *diabo*, fica nítida a associação preconceituosa entre o preto e a maldade, a perversidade, a poluição. Essa representação imagética do *diabo* remonta a tempos medievais, quando muitos dos deuses pagãos eram representados como negros.

Segundo Menon (2008, p. 225), a relação que o cristianismo estabelece com a cor preta e a malignidade se dá, em partes, pela conclusão de que tudo que era pagão provinha do *diabo*.

Essa construção da imagem do *diabo*, conforme tradicionalmente se apresenta na cultura ocidental, trouxe danos irreversíveis a toda uma população negra que comumente tem suas atitudes e ações associadas à maldade, à tirania e a traços demoníacos e animais.

Vejamos mais um exemplo dos inqueritos do ALiB em que a informante se esquivava para pronunciar o termo requerido:

(2) INQ.: A gente diz que Deus está no céu e no inferno quem é que está?

INF.: Olha, no inferno, eu não sei quem tá. Sei que Deus está no céu e em todo lugar que a gente chamar ele, né?

INQ.: Sei, mas no inferno, quem está lá?

INQ.: É o maioral.

INQ.: Hum. E quem é o maioral?

INF.: *Inimigo*.

INQ.: E que nomes dão ao inimigo aqui?

INF.: Tem o *cão*, *satanás* (rindo), tem o *inimigo atentado* (rindo).

(Santana do Ipanema-AL, mulher, faixa 2, nível fundamental).

(3) INQ.: Deus está no céu e no inferno está?

INF.: O *troço*, né? O *cão*, né?

INQ.: Quais os outros nomes que diz?

INF.: *Cão*, *coisa ruim*, é *enxofre*, tem um monte de coisa pra ele, o que não falta é nome pra ele (risos).

(Maceió, mulher, faixa 1, nível fundamental).

Em muitos trechos dos inqueritos do ALiB, como no exemplo 2, parece haver uma resistência dos informantes, não só em pronunciar o termo *diabo*, como também outras variantes que representam o “ser maligno”. A palavra traz à tona uma carga de valores negativos presentes no imaginário das pessoas, principalmente daquelas que já podem ter ouvido muitas histórias e episódios sobre o poder destruidor dessa “entidade maldita”. Alguns excertos das entrevistas do ALiB mostram que determinados entrevistados evitam pronunciar os nomes existentes para identificar “o ser que está no inferno”.

No exemplo 3, a informante registra uma profusão de variantes para denominar o item lexical estudado, mas parece haver uma resistência em pronunciar os termos considerados tabus. Sendo assim, para responder à questão 147, recorre a uma série de palavras com caráter eufêmico e disfêmico.

As crenças religiosas são responsáveis pela manifestação de uma gama de tabus no âmbito da linguagem. Muitas palavras advindas do campo religioso são tidas como impuras e causadoras de malefícios.

Essa ideia difundida, principalmente, pelas religiões cristãs leva o falante a evitar o uso dos termos tabus, substituindo-os por outros itens lexicais criados através de diversos recursos linguísticos, como metáforas, metonímias e eufemismos. Isso ficou bastante evidenciado nas respostas para a questão 147, em que os informantes utilizaram diversas figuras de linguagem para nomear o referente *diabo*, como se pode ver nos exemplos a seguir:

(4) INQ.: Deus está no céu e no inferno está?

INF.: O *diabo*.

INQ.: Tem outros nomes?

INF.: O *bicho ruim* (risos).

(Salgueiro-PE, mulher, faixa 2, nível fundamental).

Pode-se afirmar que a maioria das escolhas lexicais utilizadas pelos falantes para nomear o diabo são provenientes do campo religioso. Esse fato pode ser constatado na análise do léxico utilizado pelos informantes, que coincide com as denominações registradas nos livros do Antigo e do Novo Testamento para designar o ser que é considerado como adversário de Deus e sinônimo do mal.

(5) INQ.: Deus está no céu e no inferno está?
INF.: O *diabo*, *demônio*, o *cão*, *capeta*, *coisa ruim*.
INQ.: Tem outros nomes?
INQ.: Tem outros nomes, mas não são os mais comuns, *príncipe do céu*, é *diabo*, *capeta*.
(São Luís-MA, homem, faixa 1, nível universitário).

(6) INQ.: Deus está no céu e no inferno está?
INF.: O *cão*.
INQ.: Tem outros nomes?
INQ.: *Demônio*.
INQ.: Hum. Tem outros?
INF.: A *besta-fera* (risos).
(Floresta-PE, homem, faixa 1, nível fundamental).

A manifestação dos tabus na linguagem ainda carece de muita pesquisa, sendo um campo bastante produtivo para os estudos linguísticos que levam em consideração a influência da cultura na realização linguística dos indivíduos. Defende-se, neste trabalho, a ideia de que a linguagem, principalmente no nível do léxico, é fortemente influenciada pelas experiências culturais dos falantes, que revelam, por meio das suas escolhas linguísticas, os valores socioculturais da comunidade à qual pertencem.

Os tabus linguísticos constituem-se em um tema de grande interesse para a Dialetoлогия, pois levam o falante a utilizar uma gama de variantes linguísticas, que substituem o vocábulo tabu. Essa diversidade linguística advinda da interdição do vocábulo está intrinsecamente associada a fatores socioculturais, como a faixa etária e o sexo do indivíduo, a região de origem do informante, a escolaridade, a participação em grupos religiosos, enfim, a questões de ordem extralinguística que podem revelar a influência da cultura no uso da linguagem.

5. REVELAÇÕES FRASEOLÓGICAS A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Durante a realização do Projeto VALEXTRA⁸, foi elaborado um exemplário com o objetivo de fazer a documentação dos fraseologismos registrados nas capitais do Projeto ALiB. Dessa forma, ele é direcionado a pesquisadores da língua portuguesa e de suas variações, bem como a interessados pela realidade linguística brasileira, aqui representada pelas unidades fraseológicas de falantes das capitais brasileiras, além de estudantes de Ensino Fundamental, Médio e Universitário.

Com o intuito de facilitar a consulta a todos os públicos, as entradas foram organizadas em ordem alfabética, apresentando as unidades fraseológicas levantadas no *corpus* do Projeto ALiB como respostas polilexicais para as perguntas do questionário semântico-lexical. O exemplário teve como fonte um *corpus* de dados geolinguísticos, coletados nas capitais brasileiras na primeira década dos anos 2000, e pretendeu disponibilizar dados que poderão contribuir para a ampliação dos estudos lexicais e, também, subsidiar o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, pois fornece um repertório lexical dos informantes entrevistados.

Neste texto, seguindo o modelo de Paim, Sfar e Mejri (2018), com adaptações, o repertório lexical foi sistematizado da seguinte maneira:

1 = Unidade fraseológica (exposta segundo a ordem alfabética).

2 = Informação gramatical – classificação do sintagma (nominal ou verbal) bem como a sua composição (nome + nome; verbo + nome dentre outras possibilidades de estruturas).

⁸ O Projeto VALEXTRA (Variação lexical: teorias, recursos e aplicações: do condicionamento lexical às construções pragmáticas), financiado pela CAPES-COFECUB 838/15, celebrado entre a Universidade Federal da Bahia (UFBA), em parceria com quatro universidades públicas brasileiras e a Université Paris 13 e a Université Paris Sorbonne, foi coordenado por Marcela Moura Torres Paim (UFBA e Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE) e Salah Mejri (Université Paris 13).

3 = Definição (informação através de texto definatório sobre a unidade fraseológica em questão).

4 = Localidade(s) (posta por cidade/estado).

5 = Fonte de referência (mencionando a reprodução da formulação da pergunta).

6 = Contexto (exemplo, extraído do *corpus* do Projeto ALiB. Aqui, serão encontradas as abreviaturas INQ, que significa inquiridor, ou seja, o entrevistador, e INF, que se refere ao informante que foi entrevistado).

Para exemplificar o trabalho feito, apresentam-se as unidades fraseológicas a seguir:

Anjo mau. Categoria gramatical: sintagma nominal (nome + adjetivo). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidades: Olinda/Pernambuco; São Luís/Maranhão. Fonte de referência: questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O diabo. INQ.: Quais são os nomes que existem aqui em Olinda para isso, que a senhora conhece, né? INQ.: Satanás, diabo, *anjo mau*, bicho preto (risos). INQ.: Engraçado. Será que alguém já viu a cor? INF.: Né isso? (risos). Aqui diz ‘cuidado com o bicho preto’, que já se sabe que é o diabo, né? (risos) (Olinda, mulher, faixa 2, nível fundamental).

Besta-fera. Categoria gramatical: sintagma nominal (nome + nome). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: Floresta/Pernambuco. Fonte de referência: questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O cão. INQ.: Tem outros nomes? INQ.: Demônio. INQ.: Hum. Tem outros? INF.: A *besta-fera* (rindo) (Floresta, homem, faixa 1, nível fundamental).

Bicho preto. Categoria gramatical: sintagma nominal (nome + adjetivo). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: Olinda/Pernambuco. Fonte de referência: questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O diabo. INQ.: Quais são os nomes que existem aqui em Olinda para isso, que a senhora conhece, né? INQ.: Satanás, diabo, *anjo mau*, *bicho preto* (risos). INQ.: Engraçado. Será que alguém já viu a cor? INF.: Né isso? (risos). Aqui diz ‘cuidado com o *bicho preto*’, que já se sabe que é o diabo, né? (risos) (Olinda, mulher, faixa 2, nível fundamental).

Bicho ruim. Categoria gramatical: sintagma nominal (nome + adjetivo). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidades: Salgueiro/Pernambuco; Petrolina/Pernambuco; Imperatriz/Maranhão. Fonte de referência: questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O diabo. INQ.: Tem outros nomes?. INF.: O *bicho ruim* (risos). (Salgueiro, mulher, faixa 2, nível fundamental); Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O satanás, o cão (risos). INQ.: Que mais?. INF.: Demônio, diabo (risos) INQ.: Que mais? INF.: *Bicho ruim* (risos). (Petrolina, mulher, faixa 1, nível fundamental); Contexto: INQ.: A gente diz que Deus está no céu e no inferno está? INF.: O capeta, o diabo. INQ.: Tem mais algum nome? INF.: A gente chama o *bicho ruim*, satanás, e taca pra fente. (Imperatriz, homem, faixa 1, nível fundamental).

Coisa ruim. Categoria gramatical: sintagma nominal (nome + adjetivo). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidades: Maceió/Alagoas; São Luís/Maranhão. Fonte de referência: questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O troço, né? O cão, né? INQ.: Quais os outros nomes que diz? INF.: Cão, *coisa ruim*, é enxofre, tem um monte de coisa pra ele, o que não falta é nome pra ele (risos). (Maceió, mulher, faixa 1, nível fundamental); INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O diabo, demônio, o cão, capeta, *coisa ruim*. INQ.: Tem outros nomes? INQ.: Tem outros nomes, mas não são os mais comuns, príncipe dos céus, é diabo, capeta. (São Luís, homem, faixa 1, nível universitário).

Inimigo atentado. Categoria gramatical: sintagma nominal (nome + adjetivo). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: Santana do Ipanema/Alagoas. Fonte de referência: questionário

semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ.: A gente diz que Deus está no céu e no inferno quem é que está? INF.: Olha, no inferno, eu não sei quem tá. Sei que Deus está no céu e em todo lugar que a gente chamar ele, né? INQ.: Sei, mas no inferno, quem está lá? INQ.: É o maioral. INQ.: Hum. E quem é o maioral? INF.: Inimigo. INQ.: E que nomes dão ao inimigo aqui? INF.: Tem o cão, satanás (rindo), tem o *inimigo atentado* (rindo). (Santana do Ipanema, mulher, faixa 2, nível fundamental).

O cão. Categoria gramatical: sintagma nominal (determinante + nome). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidades: Floresta/Pernambuco; Maceió/Alagoas; São Luís/Maranhão; Fonte de referência: questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: *O cão*. INQ.: Tem outros nomes? INQ.: Demônio. INQ.: Hum. Tem outros? INF.: A besta-fera (rindo) (Floresta, homem, faixa 1, nível fundamental); Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O troço, né? *O cão*, né? INQ.: Quais os outros nomes que diz? INF.: Cão, coisa ruim, é enxofre, tem um monte de coisa pra ele, o que não falta é nome pra ele (risos). (Maceió, mulher, faixa 1, nível fundamental); Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O diabo, demônio, *o cão*, capeta, coisa ruim. INQ.: Tem outros nomes? INQ.: Tem outros nomes, mas não são os mais comuns, príncipe dos céus, é diabo, capeta. (São Luís, homem, faixa 1, nível universitário); Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: *O cão*, diabo, satanás, capeta, o chifrudo. (São Luís, mulher, faixa 2, nível universitário).

O chifrudo. Categoria gramatical: sintagma nominal (determinante + nome). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: São Luís/Maranhão; Fonte de referência: questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O cão, diabo, satanás, capeta, *o chifrudo*. (São Luís, mulher, faixa 2, nível universitário).

O troço. Categoria gramatical: sintagma nominal (determinante + nome). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: Maceió/Alagoas; Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: *O troço*, né? O cão, né? INQ.: Quais os outros nomes que diz? INF.: Cão, coisa ruim, é enxofre, tem um monte de coisa pra ele, o que não falta é nome pra ele (risos). (Maceió, mulher, faixa 1, nível fundamental).

Príncipe do céu. Categoria gramatical: sintagma nominal (nome + preposição + artigo + nome). Forma de se referir à entidade sobrenatural maligna da tradição cristã. Localidade: São Luís/Maranhão. Fonte de referência: questionário semântico-lexical/ALiB/questão 147/área semântica: religião e crenças: “Deus está no céu e no inferno quem está?”. Contexto: INQ.: Deus está no céu e no inferno está? INF.: O diabo, demônio, o cão, capeta, coisa ruim. INQ.: Tem outros nomes? INQ.: Tem outros nomes, mas não são os mais comuns, *príncipe do céu*, é diabo, capeta. (São Luís, homem, faixa 1, nível universitário).

Essas unidades fraseológicas documentadas que fazem referência ao diabo em Alagoas, em Pernambuco e no Maranhão dão subsídios ao estabelecimento de um fórum de trabalho com vistas à manutenção e ao desenvolvimento das pesquisas nas áreas de Dialetologia, da Fraseologia e dos Tabus Linguísticos, além de propiciar discussões relativas à metodologia do trabalho de cunho dialetológico e fraseológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados investigados possibilitaram uma amostra da riqueza fraseológica de que se reveste a língua portuguesa. A interação com a realidade cultural da área em que se inserem as denominações mostrou a explícita relação homem-meio. Dessa forma, a pesquisa das unidades fraseológicas em Pernambuco, em Alagoas e no Maranhão permitiu, a título de conclusão, verificar que as unidades fraseológicas, coletadas por meio das entrevistas realizadas, contemplam a polilexicalidade e revelam a estabilidade no sentido atribuído por Mejrí (1997) de relação tão estreita entre os elementos que os leva a perderem o significado primário para ganharem um sentido novo.

O estudo permitiu o conhecimento de elementos linguísticos e sociais importantes manifestados a partir do campo semântico Religião e Crenças. As marcas culturais dos falantes pernambucanos, alagoanos e maranhenses estão impressas nos elementos lexicais usados para nomear “o ser que está no inferno”.

As variantes registradas revelaram ser o termo *diabo* uma lexia tabu uma vez que os informantes, ao responderem à questão, usaram muitas formas metafóricas, metonímicas e eufemísticas para substituí-lo, como: *bicho ruim, coisa ruim, chifrado, encardido, sujo, inimigo e Lúcifer*.

Buscou-se, com esta investigação, dar uma contribuição para compreensão de aspectos do léxico regional e da cultura popular, através do exame de unidades lexicais e de fraseologismos que evidenciam alguns mitos e superstições religiosas dos falantes dos estados de Pernambuco, de Alagoas e do Maranhão.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. N. T. Deuteronomio. In: BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969a. Cap. 5, vers. 11.
- BÍBLIA. N. T. Ezequiel. In: BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969b. Cap. 28, vers. 11-16.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Atlas linguístico do Brasil*. Cartas Linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014b. v. 2.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Atlas linguístico do Brasil*. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- COSTA, Geisa Borges da Costa. Tabus linguísticos no léxico religioso: um estudo geolinguístico com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 52, p. 44-53, jan./abr. 2021.
- COSTA, Geisa Borges da. *Denominações para diabo nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. 2016. 199 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- CUNHA, Antônio Geraldo. 4. ed. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- MARQUES, Elizabete Aparecida; MEJRI, Salah. Fraseologia e terceira articulação da linguagem. *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 14, n. 27, p. 11-17, maio/ago. 2018.
- MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012. v. 1, p. 139-156.
- MEJRI, Salah. La phraséologie française: synthèse, acquis théoriques et descriptifs. *Le Français Moderne*, Paris, n. 1, p. 5-32, 2018.
- MEJRI, Salah. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.
- MENON, Mauro César. O diabo: um personagem multifacetado. *Revista Línguas e Letras*, Paraná, v. 1, n. 1, p. 217-227, 2008.
- MONTEIRO, José Lemos. As palavras proibidas. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 11-23, 1986.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inès; MEJRI, Salah. *Nas trilhas da Fraseologia: a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Salvador: Quarteto, 2018.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUSP, 1984.